
EDITORIAL (*)

Nas palavras de abertura do ano académico do Instituto vem sendo tradição o seu Director apresentar, de forma resumida, o balanço do ano que passou e indicar algumas orientações relativas à programação do ano que se inicia.

Para não me alongar demasiadamente, e não maçar V. Ex.^{as}, e porque interessa mais olhar para o futuro, direi apenas, no que ao ano findo se refere, que se cumpriu a actividade programada — que muita e valiosa foi — pondo o acento tónico na realização de mais um Curso de Defesa Nacional — actividade nuclear do Instituto —, na concretização do 1.º Curso de Formação para a Cidadania para professores — actividade reconhecida por todos os intervenientes como muito proveitosa e do máximo interesse que tenha continuidade — o que se espera possa acontecer mediante a resolução de algumas vicissitudes — e nos esforços, que passam despercebidos, para melhorar e aumentar a capacidade do Instituto visando ampliar e diversificar cursos e dar continuidade aos seminários, painéis, encontros, inquéritos e mesas-redondas realizados, actividade sempre objectivada para a difusão de conceitos de segurança e defesa e para o fortalecimento da coesão nacional.

Para o ano que se inicia, e uma vez que algum pessoal já se conseguiu ou está em vias de se conseguir para a melhoria dos serviços de apoio e estruturação dos órgãos criados pelo Decreto

(*) O texto que se segue é um excerto da alocução proferida pelo Vice-Almirante Fernando Manuel Palla Machado da Silva, Director do IDN, na Sessão Solene de Abertura do Ano Académico 1994/1995.

Regulamentar 41/91, está o Instituto em condições de ser um pouco mais ambicioso, prevendo-se que a sua actividade, no ano 94/95, seja já disso reflexo.

É certo que, a par do permanente trabalho de actualização curricular, há que continuar um ingente esforço na obtenção de melhores condições de habitabilidade dos funcionários e apoio ao estudo e trabalho dos utentes — o que passa por uma imprescindível ampliação das instalações e pelo completamento do Quadro Orgânico — mas a nossa «alma não é pequena» e tudo faremos para ultrapassar as dificuldades conjunturais subsistentes, na esperança de que, a breve prazo, o Instituto da Defesa Nacional possa cumprir, cabalmente, tudo aquilo que dele se espera e a Nação necessita.

Consciente da sua missão, o Instituto pretende que o esclarecimento recíproco e a valorização dos quadros das Forças Armadas, da Administração Pública, dos sectores público, privado e cooperativo, através do estudo, divulgação e debate dos grandes problemas nacionais e da conjuntura internacional com incidência no domínio da defesa nacional, não se confine às paredes desta Casa. É propósito que essa actividade tenha continuidade e sequência na Associação de Auditores, a qual novamente convidamos a, connosco, prosseguir os mesmos objectivos.

Ciente de que — se o ente humano se reconhece como parte de uma sociedade, impõe a si próprio a obrigação e a necessidade de defendê-la da desagregação, do conflito ou da estagnação — o Instituto procurará «a sensibilização da população para os problemas da defesa nacional, em especial no que respeita à consciência para os valores fundamentais que lhe são inerentes, para os factores que a ameaçam e para os deveres que neste domínio a todos vinculam», criando condições que permitam que a malha de Auditores se vá estendendo e venha a cobrir todo o território nacional, de forma a permitir que, com eles ou por seu intermédio, e mediante a realização de cursos de pequena duração, seminários ou conferências e outras actividades, se possa levar aos mais recônditos pontos do País a mensagem de coesão transmitida nesta Casa.

E graças à imagem que conseguiu criar, ao entusiasmo de alguns Auditores residentes fora dos grandes centros e ao interesse que o 1.º Curso de Formação para a Cidadania suscitou, já nos foi solicitado que, extraprogramação, ministremos um curso de Formação para a Cidadania, na Madeira, e um curso de pequena duração de Segurança e Defesa, para autarcas, em Vila Nova de Foz Côa.

Mas o Instituto não esgota o seu contributo para o estudo e investigação nos domínios da segurança e das relações internacionais com as actividades e intenções já delineadas:

- No presente ano académico já foram realizados um curso monográfico e um seminário sobre operações de Paz;*
- Tendo em atenção o crescente interesse das Universidades que reconhecem o Instituto da Defesa Nacional como instituição de nível científico de qualidade em matéria de Segurança e Defesa, fomentamos o estabelecimento de convénios e apoiamos projectos, estudos e trabalhos de investigação no âmbito das actividades científico-pedagógicas das Universidades;*
- Com a colaboração da Universidade de Évora vamos, dentro de dias, realizar uma «Semana de Defesa» naquela cidade, património mundial;*
- Considerando que a nossa identidade cultural, bem alicerçada por mais de oito séculos de nacionalidade, sempre foi influenciada pela força atractiva do Atlântico — factor de identidade e espaço de conciliação das realidades geopolíticas e geoestratégicas que caracterizam o País —, está programada a publicação de um estudo monográfico sobre «a importância do mar para Portugal». Com conexão, directa ou indirecta, à mesma temática, estão projectados estudos sobre «transportes extraterritoriais», «Identidade e Coesão Nacionais» e «Potencial Estratégico de Portugal»;*
- Consciente de que a integração europeia — componente essencial da nossa política externa e interna — não é única nem suficiente na problemática da nossa posição geopolí-*

tica global; considerando urgente encontrar formas de cooperação entre o Norte rico do mundo e o Sul; considerando a nossa vocação ecuménica e a necessidade de preservar o mundo da língua portuguesa como espaço de futuro; e tendo em atenção que a Mesa-Redonda de Luanda, em 17 de Janeiro de 1994, concluiu que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a institucionalizar dentro de dias, deve ser um instrumento de cooperação e integração política cultural, social e económica, o que é perfeitamente compatível com os demais compromissos bilaterais, regionais ou multilaterais dos Países membros; o Instituto da Defesa Nacional está a ultimar a preparação de um Seminário, a realizar em 1995, sobre «A Tradução Prática da Dimensão Atlântica de Portugal»;

- *O Departamento de Investigação, ainda em estado embrionário quanto a recursos humanos, dará continuidade aos «inquéritos à opinião pública» para avaliar a evolução da motivação da população em geral e da juventude em particular, relativamente a assuntos de segurança e defesa.*

Com a colaboração de Assessores, permanentes ou não, Auditores e Centros de Estudos Europeus de algumas Universidades, promoverá estudos e reflexões sobre a posição de Portugal na evolução da segurança europeia, estudos esses que, conjuntamente com o restante trabalho do Departamento, darão origem à edição de uma nova colecção — «Investigação de Defesa» — editada, tal como a colecção «Nação e Defesa», pelo Centro de Documentação, também recém-criado;

Manter-se-á o intercâmbio com congéneres estrangeiros, nomeadamente com o Centro Superior de Estudos da Defesa Nacional, de Espanha, com o Colégio de Defesa da Tailândia e o Colégio de Defesa NATO, e procurar-se-á reforçar ligações já iniciadas com organismos similares da China, Tunísia e Marrocos, e tentar-se-á iniciar o intercâmbio com os Institutos do Brasil e França.

Instituto da Defesa Nacional, ao dar-vos as boas-vindas, manifesta-vos o seu propósito em, convosco, reflectir e debater os grandes problemas e os grandes conceitos enformadores de uma maior coesão nacional e preservação da nossa identidade e forma de estar no mundo.

O vosso voluntariado para a frequência do Curso de Defesa Nacional, exigindo-vos sacrifícios de ordem profissional e particular, é atitude de cidadania merecedora do maior apreço e respeito, que a todos os que aqui servem obriga e é penhor de que o desafio será alcançado.

SENHORAS E SENHORES AUDITORES DO CDN/94

Os diplomas que V. Ex.^{as} vão receber constituem um público testemunho do interesse e dedicação com que, durante cerca de 8 meses, frequentaram o Curso de Defesa Nacional, de um modo geral em acumulação com o desempenho das funções na vossa vida profissional.

Estou certo de que terão considerado a experiência como enriquecedora nos planos cultural, humano e cívico, pelo que valeu a pena o vosso e o nosso esforço.

O Instituto revê-se no vosso sucesso e acredita que, quer através da vossa acção isolada, quer canalizando-a através da Associação de Auditores, quer em colaboração com esta Casa, tereis engenho e arte para potenciar a mensagem aqui recebida, espalhando-a por todo o Portugal.

Com esta actividade pretende-se dar sequência ao trabalho que o Instituto da Defesa Nacional tem vindo a desenvolver desde a sua criação ao constituir-se em espaço responsável de reflexão e de debate, aberto às mais diversificadas colaborações e opiniões e atento à discussão desapassionada dos mais importantes problemas nacionais; pretende-se, em suma, que o Instituto, fiel ao seu lema, continue a cooperar para, prafraseando o poeta, «Cumprir Portugal».

Para a realização de toda esta actividade, o Instituto da Defesa Nacional, apoiado no seu, ainda, reduzido núcleo de pessoal, continua a contar com a colaboração generosa, entusiástica e patriótica de um conjunto excepcional de personalidades, dos mais diversos quadrantes e sectores da vida nacional. Permitam-me que preste rendida homenagem a este conjunto notável de colaboradores ligados afectivamente ao Instituto da Defesa Nacional e exprima o maior reconhecimento ao pessoal civil e militar do Instituto pelos altos serviços que têm prestado à causa nacional que esta Casa persegue. Neste conjunto enalteço, também, o pessoal que, impossibilitado de adquirir vínculo à função pública, vem manifestando uma dedicação e uma entrega dignas dos maiores encómios

SENHORAS E SENHORES AUDITORES DO CDN/95

São de mudança os tempos em que nos encontramos, com acelerações por vezes vertiginosas e, com frequência, aparentemente erráticas em vários domínios, desde o da cena internacional ao tecnológico e ao social. A nível nacional tais acontecimentos continuam a dar azo a comentários, por vezes caracterizados por ingenuidade ou falta de pudor, apregoando o fim dos conflitos e a inutilidade da defesa e das Forças Armadas.

O que se tem passado a nível mundial desde a queda do Muro de Berlim mostra a vacuidade de tais concepções.

Se, como diz Tofler, o poder depende, cada vez mais, da informação e do conhecimento, e se, como ensina a História, as culturas não degeneram desde que se preservem ideais básicos, o